

## **INTERFACE POSSÍVEL ENTRE NOVOS ESTUDOS DO LETRAMENTO E TEORIA DA ATIVIDADE**

*Cândida Martins Pinto*

### RESUMO

No presente texto, tem-se por objetivo tecer relações possíveis entre os preceitos de duas teorias: Novos Estudos do Letramento e Teoria da Atividade, que, embora distintas, dialogam, pois partem de uma perspectiva sociocultural para explicar como os sujeitos participam de práticas sociais, fazendo uso da linguagem e de outros instrumentos mediadores.

PALAVRAS-CHAVE: interface; Novos Estudos do Letramento; Teoria da Atividade.

### Introdução

**E**m sociedades complexas, como as contemporâneas, também chamadas de pós-modernas, o sujeito está sendo caracterizado como descentrado, isto é, deslocado ou fragmentado, já que sua identidade é formada e transformada continuamente pela multiplicidade dos sistemas de significação e representação cultural. A identidade pós-moderna, dessa maneira, está sendo alterada por mudanças estruturais na sociedade, fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade e nacionalidade (HALL, 2006). Essas mudanças, como define Kuhn (2011), representam um processo de transformação também na ciência, pois, guiados por novos paradigmas, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar em novas direções.

As pesquisas em Linguística Aplicada, condizentes com essa perspectiva pós-moderna, ao buscarem entender questões relativas à natureza social e educacional dos processos de ensino-aprendizagem de línguas, trabalham na

concepção de uma linguagem “indisciplinar” (MOITA-LOPES, 2006), ou seja, estabelecem relações dialógicas com outros campos epistemológicos, como o das ciências sociais e políticas. Nesse sentido, teorias que tentam explicar como a atividade humana se constitui e como as práticas sociais influenciam nas ações e nos letramentos são propostas interessantes para entender uma sociedade que não é neutra, mas sim ideológica e constituída de relações de poder.

As bases teórico-metodológicas do ensino de línguas têm apresentado um grande avanço nos últimos anos, desdobrando-se em um amplo leque de propostas. Neste texto, quer-se enfatizar duas teorias: os Novos Estudos do Letramento (doravante NEL), liderados por Street (1995, 2003), e a Teoria da Atividade (doravante TA), defendida por Engeström (1987, 1997). A primeira defende que leitura e escrita são adquiridas numa perspectiva sociocultural de práticas sociais. Por meio de pesquisa de cunho etnográfico, estudiosos (BARTON e HAMILTON, 2000; GEE, 2001; KLEIMAN, 2010) buscam entender como as práticas de letramento acontecem em diversos contextos - escolares e não escolares. Já a segunda defende que as relações humanas estão organizadas em torno de um sistema de atividade, já que a participação em práticas sociais é condição para compreensão dessas práticas, das regras, da divisão de trabalho e das ferramentas utilizadas para mediar ações. Pesquisas nessa perspectiva (CARELLI, 2003; LEFFA, 2005; HEEMANN, 2010) estão dando ênfase, principalmente, às tecnologias e às influências destas nas práticas sociais.

Diante dessas colocações, o presente texto tem por objetivo estabelecer uma relação/interface possível entre essas duas teorias, no sentido de verificar pontos em comum que explicam o mesmo fenômeno: interações, atividades, práticas sociais. Para tanto, primeiramente, apresenta-se uma revisão teórica dos NEL e da TA. Em um segundo momento, discutem-se os pontos convergentes das teorias e, por fim, tenta-se abordar a relevância dessa interface para o ensino de línguas.

## **Novos estudos do letramento**

Os NEL têm como objeto de conhecimento os aspectos e os impactos do uso da língua escrita, sob a perspectiva sociocultural. Não se limita apenas à aquisição de habilidades, mas se refere também à apropriação da leitura e da

escrita para serem utilizadas em práticas sociais específicas (STREET, 2003). Além disso, essa concepção de ‘novo’ impõe o reconhecimento de múltiplos letramentos, já que os usos da leitura e escrita variam em diferentes domínios (escola, casa, trabalho, instituições religiosas), em diferentes linguagens, situações, tempo e contextos. Outros autores, como os filiados ao *The New London Group* (1996), preferem o termo ‘multiletramentos’, o qual é usado para indicar que leitura e escrita, além da linguagem verbal, estão constituídas por recursos semióticos que envolvem o visual, o auditivo, o espacial.

O conceito de letramento surge como forma de explicar o impacto da escrita em todas as esferas de atividades. Nesse sentido, Soares (2002) ressalta que letramento não são as próprias práticas de leitura e escrita, e/ou os eventos relacionados com o uso e função dessas práticas, ou ainda o impacto ou as consequências da escrita sobre a sociedade. Letramento, para a autora, é o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e escrita, de quem participa de eventos de que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação.

Por ter uma concepção social da escrita, todo letramento está sempre situado em práticas sociais específicas, inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. Essa visão, conforme argumenta Fischer (2007), é posta em contraste a uma concepção de cunho tradicional que considera a prática da leitura e escrita apenas como uma “habilidade técnica, neutra, imutável e/ou universal situada no interior dos indivíduos”. Nesse sentido, Street (2003) considera essa visão de letramento como habilidade individual do sujeito um modelo autônomo do letramento; já o modelo ideológico do letramento oferece uma visão com maior sensibilidade cultural das práticas de letramento, na medida em que elas variam de um contexto para outro. O modelo ideológico do letramento, portanto, mostra sua importância, já que leitura e escrita são práticas ligadas à cultura e às estruturas de poder de uma sociedade, atreladas também a ideologias e identidades.

No que se refere aos três aspectos acima mencionados – relações de poder, ideologias e identidades - Gee (2001), citado por Fischer (2007), afirma que, quando um sujeito aprende novas linguagens sociais e se apropria de gêneros discursivos, no sentido de ser capaz de produzi-los e não apenas consumi-los, está sendo socializado no Discurso, com D maiúsculo. “Um Discurso integra modos de falar, ouvir, escrever, ler, agir, interagir, acreditar, valorizar, sentir e

usar vários objetos, símbolos, imagens, ferramentas e tecnologias, com a finalidade de ativar identidades e atividades significativas, socialmente situadas” (GEE, 2001 *apud* FISCHER, 2007). Discursos, nesse sentido, são nomeados pelos autores como *kits* de identidade, pois possibilitam explicar as múltiplas identidades sociais que cada sujeito “veste” nas diversas práticas sociais em que está envolvido cotidianamente.

Outra posição central a ser ressaltada pelos NEL é a distinção proposta por Street (2003) e Barton e Hamilton (2000) entre práticas de letramento e eventos de letramento. Segundo Barton e Hamilton (2000), os eventos de letramento são em geral atividades que utilizam textos escritos para serem lidos ou para se falar sobre eles. São episódios observáveis que emergem de práticas e são por elas moldados. São, assim, eventos comunicativos mediados por textos escritos. Enquanto os eventos de letramento identificam a ocorrência de uma situação social na qual a escrita assume um papel central, a prática de letramento, que diz respeito aos “modos culturais de utilização da escrita”, corresponde às relações sociais que se estabelecem em torno dos usos escritos (STREET, 1995).

Diante das considerações feitas, cabe resumir que a abordagem socio-cultural enfatiza o reconhecimento do letramento em seus diversos contextos, desempenhando papéis diversificados de acordo com os contextos, sujeitos e objetivos que os guiam nesses eventos. Essas práticas são compreendidas como modelos e vivências culturais que dão forma a comportamentos, a significados, a valores e a atitudes, concretizados e assumidos nos usos da leitura e da escrita (VÓVIO e SOUZA, 2005).

## **Teoria da atividade**

A Teoria Histórico-Cultural da Atividade ou, simplesmente, TA é um aparato teórico e metodológico para estudar diferentes formas de práticas humanas – as atividades – como processos de desenvolvimento tanto nos níveis individuais quanto nos sociais (KUUTTI, 1996 *apud* HEEMANN, 2010). A TA analisa o desenvolvimento da consciência em cenários de atividade social prática. Sua ênfase recai nos impactos psicológicos da atividade organizada e nas condições e sistemas sociais produzidos em e por tal atividade (DANIELS, 2003).

Engeström (1999 *apud* DANIELS, 2003) discutiu três gerações da TA, divididas de acordo com seus principais autores: Vygotsky, Leontiev e o próprio Engeström. O legado de Vygotsky e o desenvolvimento da Teoria Histórico-Cultural da Atividade foram chamados por Engeström (1987) de primeira geração da TA. A teoria de Vygostky (1988, 1996) rompe com os ideais do behaviorismo e enfatiza que o indivíduo tem um papel primordial na interação com o meio em que está inserido, pois desde que nasce vai apropriando-se das experiências do seu contexto histórico-cultural, interferindo, dessa maneira, no processo. Sustenta que todo conhecimento é construído através das práticas sociais dos indivíduos e acrescenta à relação sujeito-objeto mais um fator: a mediação (ALVES, 2004).

A grande contribuição de Vygostky com a introdução desse conceito de mediação foi dar respaldo teórico necessário para explicar como o indivíduo, mediado por um professor ou um par mais capaz, consegue solucionar eventuais problemas na construção do seu conhecimento. Isso instigou Vygostky a estabelecer outro conceito-chave para explicar o desenvolvimento cognitivo: a Zona de Desenvolvimento Proximal.

Vygostky também enfatiza o papel do ambiente no desenvolvimento intelectual das crianças (STERNBERG, 1999). Vygostky fala de influências sociais, culturais e históricas no desenvolvimento individual. Postula que o desenvolvimento procede primordialmente de fora para dentro, pela internalização, que é a absorção do conhecimento proveniente do contexto, ou melhor, a transformação de funções sociais em habilidades individuais. Assim, as influências sociais, em vez de biológicas, são fundamentais.

A segunda geração contou com as contribuições de Leontiev e do próprio Engeström, que visualizaram a atividade na perspectiva da comunidade social, incorporando os pressupostos de Vygotsky. Para Leontiev (1977). A base dessa segunda geração configura-se na análise do “desenvolvimento da consciência em cenários de atividade social prática”. De acordo com Lantolf e Appel (1994), “a questão fundamental posta em discussão pela TA é: o que um indivíduo ou grupo está fazendo em um cenário particular?”. Leontiev responde a esta pergunta afirmando que a atividade deve ser concebida como uma tríade formada por sujeito, objeto e instrumentos, em três distintos níveis de análise: atividade, ação e operação.

O mais alto nível de análise na Teoria, o nível da atividade, é definido, de acordo com Leontiev (1992), como os “processos psicologicamente caracterizados por aquilo a que o processo, como um todo, se dirige (seu objeto), coincidindo sempre com o objetivo que estimula o sujeito a executar essa atividade, isto é, o motivo”. A característica básica constituinte da atividade é, além de satisfazer uma necessidade do sujeito, ser orientada para o objeto (ou motivo) dessa necessidade.

Leontiev (1992) enfatiza que a “principal coisa que distingue uma atividade de outra reside na diferença entre seus objetivos. É o objeto da atividade que dá a ela certa orientação”. Os componentes básicos das atividades humanas são as ações que as realizam. Esse é o segundo nível de análise. Para Leontiev (1992), “um ato ou ação é um processo cujo motivo não coincide com seu objetivo (isto é, com aquilo para o qual ele se dirige), mas reside na atividade da qual ele faz parte”.

Historicamente, a aparição na atividade de um processo de ação orientado a uma meta foi o resultado da emergência de uma sociedade baseada no trabalho. A participação individual em uma atividade de trabalho coletiva leva a resultados que irão satisfazer a todos. Melhor dizendo, é nas relações sociais que o indivíduo terá sua necessidade satisfeita (LEONTIEV, 1977). Nesse sentido, todas as esferas da atividade (ou sistema de atividades) são constituídas por formas textuais que medeiam nossas relações com outros, que também são parte da atividade, dando regularidades a nossa forma de participação, nossas relações com outros, e nossa contribuição com o objeto orientado do sistema de atividade (BAZERMAN, 2003).

A dimensão final da atividade é o nível da operação. Leontiev (1992) advoga que por operações entende-se o modo de execução de um ato. Uma operação é o conteúdo necessário de qualquer ação, mas não é idêntico a ela. “As operações largamente determinam os meios, físicos ou mentais, através do qual uma ação é cumprida; elas estão ligadas às circunstâncias reais e condições nas quais a meta é realizada” (LANTOLF e APPEL, 1994).

Já Engeström (1987) desenvolveu, nos anos de 1970, a partir do modelo triangular de Vygotsky, um modelo do sistema da atividade coletiva – terceira geração. A intenção de Engeström era desenvolver ferramentas conceituais para entender o diálogo, múltiplas perspectivas e vozes de uma comunidade.

O foco de análise de qualquer atividade orientada a um objeto é direcionado ao resultado decorrente dessa atividade. Esse novo diagrama, representando o sistema da atividade humana, sugere os vários elementos do sistema da atividade (seus componentes) e suas relações de conexão e interdependência. O sistema de atividade de Engeström adicionou o que ele considerou elementos cruciais ao modelo individual, relacionados aos aspectos sociais na realização da atividade, isto é, as regras, a comunidade e a divisão do trabalho (CARELLI, 2003).

O Sistema da Atividade Humana incorpora, então, os seguintes componentes: os sujeitos, o objeto/motivo, a comunidade, as ferramentas, as regras e a divisão de trabalho dentro de um todo. Quando se vai analisar qualquer atividade humana, o que facilmente identificam-se são as ações realizadas pelo(s) sujeito(s). A complexidade reside em identificar quais são as regras que subjazem à realização dessas ações e como ocorre a divisão de trabalho entre os membros dessa comunidade (CARELLI, 2003).

A terceira geração da TA desenvolve ferramentas conceituais para compreender os diálogos, as múltiplas perspectivas e redes dos sistemas de atividade coletiva. Ele recorre a ideias de dialogicalidade e multivocalidade, a fim de expandir a estrutura da segunda geração. A ideia das redes de atividade em que as contradições e lutas ocorrem na definição do motivo e do objetivo da atividade demanda uma análise de poder e controle nos sistemas de atividade em desenvolvimento (DANIELS, 2003). O grande desafio para a terceira geração de pesquisadores da TA é estabelecer uma rede de sistemas e analisá-la tanto internamente como nas interações e na interdependência entre esses sistemas (CARELLI, 2003).

## **Interface possível**

A abordagem sociocultural do letramento, defendida pelos NEL, é compreendida como “um conjunto de práticas sociais, em que assumem papel central os significados culturais, as relações de poder e as relações de identidade social” (FISCHER, 2007). Nesse sentido, o sujeito, ao se engajar em atos sociais, estará participando de um sistema de práticas nos quais necessitará desempenhar diferentes papéis de acordo com os contextos. Nessas práticas, fará uso de diversos instrumentos mediadores, ou ferramentas, incluindo a

linguagem, para facilitar a comunicação e, assim, apropriar-se ou internalizar conceitos e gêneros. Por ser uma prática ideológica, a abordagem sociocultural é compreendida ainda como modelos e eventos culturais que dão forma a comportamentos, a significados, a valores e a atitudes, concretizados e assumidos nos usos da leitura e escrita (VÓVIO, SOUZA, 2005). Esses são os principais pontos de convergência com a TA: sujeitos, engajados em práticas sociais ou sistemas de atividades, com papéis, regras e objetivos definidos de acordo com o contexto e que fazem uso de artefatos para mediar as interações com outros pares, no intuito de internalizar ou se apropriar da consciência social dos usos da linguagem. Passa-se, então, a discorrer sobre esses pontos de interface entre as duas teorias.

O primeiro aspecto a ser considerado é a questão das **práticas sociais**. A TA é um suporte filosófico e interdisciplinar para estudar diferentes formas de práticas humanas – atividades – como processos de desenvolvimento (HEEMANN, 2010). A TA sugere o sistema de atividade, aqui visto como sinônimo de práticas sociais, como unidade básica de análise do comportamento, individual ou coletivo. O sistema de atividade analisa a maneira como ferramentas concretas são usadas para mediar o motivo e o objeto do comportamento e as mudanças nele ocorridas (RUSSELL, 1997). Asbahr enfatiza (2005) que “a atividade de cada indivíduo ocorre num sistema de relações sociais e de vida social, onde o trabalho ocupa lugar central”.

Para os NEL, essa questão de prática social está indissociável ao próprio conceito de letramento. Os letramentos não podem ser analisados adequadamente considerando apenas o que as pessoas fazem. Devem ser compreendidos como parte de sistemas mais amplos de práticas que dão coesão à sociedade, que fazem dela uma unidade de organização própria e dinâmica muito mais ampla do que o indivíduo. Nesse sentido, cada letramento consiste em um conjunto de práticas sociais interdependentes que interligam pessoas, objetos midiáticos e estratégias de construção de significado. Cada um deles é parte integral de uma cultura e de suas subculturas. Cada um tem um papel a manter e transformar a sociedade, porque os letramentos produzem ligações essenciais entre significados e fazeres (LEMKE, 2010).

Como os letramentos são sempre sociais, aprende-se pela participação em relações sociais, em um processo contínuo de **mediação**. Da mesma forma, TA, seguindo os preceitos de Vygotsky (1988), argumenta que o sujeito



tem um papel primordial nessa interação com o meio em que está inserido, pois desde que nasce vai apropriando-se das experiências do seu contexto histórico-cultural, interferindo, dessa maneira, no processo. Vygotsky sustenta que todo conhecimento é construído através das práticas sociais dos indivíduos e acrescenta o fator mediação à relação sujeito-objeto. A construção do conhecimento realizada pelos sujeitos é mediada por fatores sociais, signos, linguagem, instrumentos e ferramentas. Essa mediação é a chave para todos os aspectos da construção do conhecimento, pois conecta o externo com o interno, o social com o individual. Fino (2001), discutindo sobre o conceito de mediação, enfatiza que:

a atividade humana é mediada pelo uso de ferramentas, que estão para a evolução cultural como os genes para a evolução biológica. As ferramentas são criadas e modificadas pelos seres humanos como forma de se ligarem ao mundo real e de regularem o seu comportamento e as suas interações com o mundo e com os outros. Cada indivíduo alcança a consciência através da atividade mediada por essas ferramentas, as quais unem a mente com o mundo real dos objetos e dos acontecimentos. Para Vygostky existe uma analogia básica entre ferramenta e signo. Essa analogia reside na função de mediação que caracteriza cada um daqueles elementos.

Ferramentas permitem a indivíduos, em colaboração com outros indivíduos, dar forma ao seu mundo de acordo com seus próprios motivos e objetivos; ferramentas usadas no trabalho – o protótipo da atividade humana orientada a um motivo – funcionam como mediadoras, como instrumentos os quais se mantêm entre o sujeito e o objeto (o objetivo através do qual as ações do sujeito são direcionadas) (LANTOFL, APPEL, 1994).

Esse conceito de mediação é utilizado pelos NEL para explicar que os **artefatos culturais** são objetos ou símbolos que adquirem significado coletivo, pois são usados como parte de uma relação para identificar atividades e mundos figurados. Bartlett (2007) explica esse conceito a partir de um estudo feito com analfabetos que utilizavam objetos, imagens, símbolos e discursos para modular suas ações e emoções, a fim de se parecerem ou se sentirem le-

trados perante uma sociedade que discrimina e aplica, nas palavras de Bordieu (1977, *apud* BARTLETT, 2007), uma violência simbólica. Assim, os artefatos são socialmente construídos e produtos das atividades humanas e podem se tornar importantes ferramentas nos processos de produção cultural.

Além disso, o uso das ferramentas proporcionou uma mudança no modo de vida social, pois, levando em consideração, primeiramente, os artefatos culturais físicos – pedra, papiro, livro, giz, computador – ao usar ferramentas para mudar a natureza, o homem acabou por mudar a sua própria natureza. Nesse sentido, reitera-se a importância de considerar o letramento na sua natureza plural – os multiletramentos. Em segundo lugar, consideram-se os artefatos culturais não-físicos: a linguagem, os discursos, já que permitem ao sujeito construir cultura e se comunicar.

Sociedades letradas cada vez mais complexas, devido às inúmeras modificações nas formas e possibilidades de utilização da linguagem, são reflexos incontestáveis das mudanças tecnológicas emergentes no mundo, principalmente quando equipamentos informáticos e as novas tecnologias de comunicação começaram a fazer parte da vida das pessoas e das instituições. Nessa nova ordem comunicativa (SNYDER, 2001), atenta-se para o uso das novas tecnologias, pois estão alterando aspectos da sociedade e cultura, as regras e a divisão dos trabalhos. Na perspectiva dos NEL e da TA, precisa-se, então, usar as **ferramentas** para entender e transformar o mundo.

Visto que numa dada cultura há diferentes letramentos associados aos variados domínios da vida, e que os sujeitos são orientados a um objetivo específico dentro da comunidade, parece adequado e relevante examinar os **diversos papéis** assumidos e a divisão de trabalho dentro de um todo.

Engeström (1987), precursor da terceira geração da TA, enfatizou que o sistema de atividade humana engloba tanto a natureza coletiva quanto colaborativa, pois o sujeito – representando aqueles engajados na realização da atividade – possui responsabilidades pelo fato de que dentro de uma comunidade há regras, convenções, práticas de trabalho que afetam a maneira como a atividade está sendo desenvolvida. Essas **regras e práticas colaborativas** estão carregadas de relações de poder e ideologias, assim como afirmam os NEL. Dessa maneira, diversos papéis ou identidades são assumidos pelos sujeitos envolvidos na execução de uma atividade dentro de uma comunidade. É a organização implícita e explícita de uma comunidade. A divisão do trabalho

medeia o relacionamento entre a comunidade e o objeto, buscando transformar esse objeto em resultado (ENGESTRÖM, 1987).

Nessa perspectiva de papéis e identidades, Gee (2001) aborda que o sujeito usa a linguagem (artefato cultural não físico) para agir na sociedade com características específicas ao contexto em que se encontra. Saber uma linguagem social particular é ser capaz de “usar” uma identidade específica ou saber identificar tal identidade. É o que o autor chamou de Discursos como *kits* de identidades e explica que:

É quase como se alguém pegasse um kit de ferramentas com dispositivos específicos (isto é, palavras, atividades, pensamentos, valores, ações, interações, objetos, ferramentas e tecnologias) com o qual pode executar uma identidade específica e se engajar em atividades específicas associadas com aquela identidade (GEE, 2001, tradução minha).

Partindo desse pressuposto, as identidades e os papéis reforçam a ideia de que o sujeito age em sociedade de acordo com o contexto e as regras impostas, já que assumir a identidade de um professor é diferente do que estar vivenciando um papel de pai, por exemplo.

Outro ponto crucial que perpassa as duas teorias aqui discutidas é a questão da **internalização** (expressão utilizada pela TA) e/ou **apropriação** (expressão utilizada pelos NEL). Vygostky, na sua teoria sobre o desenvolvimento cognitivo, enfatiza o papel do ambiente no desenvolvimento intelectual dos sujeitos (STERNBERG, 1999). Vygostky fala de influências sociais, culturais e históricas no desenvolvimento individual. Postula que o desenvolvimento procede primordialmente de fora para dentro, pela internalização, que é a absorção do conhecimento proveniente do contexto, ou melhor, a transformação de funções sociais em habilidades individuais. Assim, as influências sociais, mais uma vez, tornam-se fundamentais.

A atividade, cuja expressão maior é o trabalho, é a principal mediação nas relações que os sujeitos estabelecem com o mundo objetivo (LIBÂNEO, 2004). Toda atividade humana está orientada para um objeto, de forma que a atividade tem sempre um objetivo. O êxito de uma atividade está em estabelecer esse objetivo. O ensino tem a ver diretamente com isso: é uma forma social

de organização da apropriação, pelo homem, das capacidades formadas sócio-historicamente e objetivadas na cultura material e espiritual. Essa apropriação requer comunicação em forma externa. Em suas formas iniciais, essa comunicação não está mediatizada pela palavra, mas pelo objeto (LIBÂNEO, 2004).

Já para NEL, as práticas de letramento são maneiras culturais de utilizar a linguagem escrita. Isso inclui, como já dito, valores, atitudes, sentimentos, relações sociais e a consciência do letramento, isto é, construções de letramento e discursos de letramento, como pessoas falam sobre letramento e constroem sentido. Por isso, esses são processos internos ao indivíduo; ao mesmo tempo em que as práticas são sociais. Nesse sentido, para o sujeito agir em sociedade e participar de práticas letradas, é necessário que ele se aproprie de determinados gêneros (ou internalize conceitos) e saiba utilizá-los de acordo com a situação e propósito comunicativo.

Tentou-se, portanto, nesta seção, discutir alguns conceitos que aproximam as duas teorias discutidas: práticas sociais, mediação, artefatos culturais, papéis, regras, práticas colaborativas e internalização/apropriação. Justifica-se buscar essa interface, já que são teorias que tentam explicar o fenômeno de interação humana – a atividade, nas palavras da TA; a prática social, nas palavras dos NEL.

## **Conclusão**

A interface estabelecida entre os NEL e a TA favorece implicações pedagógicas para o ensino de línguas, visto que as duas abordagens trabalham na perspectiva das interações e práticas sociais. Utilizadas como embasamento para o ensino, as teorias podem prover uma explicação sobre como a inserção de sujeitos (estudantes) em práticas sociais reais (ou simulação das práticas dentro da sala de aula), com a utilização de artefatos culturais, pode mudar a maneira como aprendem.

Essa afirmação justifica-se por dois principais motivos: (1) as implicações metodológicas da TA levam em conta a análise da atividade dentro de um determinado contexto, mediando os sujeitos envolvidos com determinados artefatos. Para Carelli (2003, p. 55), a atividade deve ser entendida como “um sistema de atividades funcionais das interações socioculturais que constitui comportamento e produz aquele tipo de mudança denominado aprendizagem”. (2)

Os NEL, por sua vez, trabalham no sentido de proporcionar que situações de letramento na vida social auxiliem na internalização de conceitos para que os estudantes, inseridos em práticas situadas, construam conhecimento.

Portanto, este artigo resgatou pontos em comum das duas teorias, a fim de discutir conceitos: prática social, mediação, ferramenta, papéis, práticas colaborativas e internalização. Buscou-se, enfim, ressaltar que a aprendizagem é construída nas interações sociais.

## Referências

ALVES, M. C. C. L. Encontros de formação: repensar e reconstruir. *Dissertação* (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

ASBAHR, F. S. F. *A pesquisa sobre a atividade pedagógica: contribuições da teoria da atividade*, 2005, [www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a09.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a09.pdf), Acesso em: 10/08/11.

BARTLETT, Lesley. To seem and to feel: situated identities and literacy practices. *Teachers College Record*. Columbia University, v. 109, n. 1, January 2007.

BARTON, D.; HAMILTON, M. Literacy Practices. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; IVANIC, R. (Orgs). *Situated Literacies: reading and writing in context*. New York: Routledge, 2000.

BAZERMAN, C. What is not institutionally visible does not count: the problem of making activity assessable, accountable, and plannable. In: \_\_\_\_\_; RUSSELL, D. R. *Writing selves, writing societies*. 2003, [http://wac.colostate.edu/books/selves\\_societies/](http://wac.colostate.edu/books/selves_societies/), Acesso em: 20/07/11.

CARELLI, I. M. Estudar on-line análise de um curso para professores de inglês na perspectiva da Teoria da atividade. 223p. *Tese* (Doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

DANIELS, H. *Vygotsky e a pedagogia*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ENGESTRÖM, Y. *Learning by expanding: An activity-theoretical approach to developmental research*. 1987, <http://communication.ucsd.edu/MCA/Paper/Engestrom/expanding/intro.htm>; Acesso em: 6/07/11.

FINO, C. N. Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 14, nº 2, 2001, p. 276, Acesso em: 6/07/13.

- FISCHER, A. A construção de letramentos na esfera acadêmica. *Tese* (Doutorado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2007, p. 24.
- GEE, J. P. Reading as situated language: a sociocognitive perspective. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*. 2001.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HEEMANN, C. A formação de uma comunidade virtual de aprendizagem sob a perspectiva da teoria da atividade. *Tese* (Doutorado em Estudos Linguísticos) Universidade Católica de Pelotas, Pelotas – RS, 2010.
- KLEIMAN, A. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, 2007.
- KUHN, T. S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- LANTOLF, J. P.; APPEL, G. Theoretical framework: an introduction to Vygotskian approaches to second language research. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (Ed) *Vygotskian approaches to second language research*. New Jersey: Ablex Publishing Corporation; 1994, p. 7.
- LEFFA, V. J. *Aprendizagem mediada por computador à luz da Teoria da Atividade*. Calidoscópio, São Leopoldo, v. 3, n. 1, 2005.
- LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Trabalhos de Linguística Aplicada*. Campinas, 2010.
- LEONTIEV, A. N. *Activity and consciousness*. 1977, <http://www.marxists.org/archive/leontev/works/1977/leon1977.htm>, Acesso em: 6/07/11
- \_\_\_\_\_. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; \_\_\_\_\_. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1992, p. 68.
- LIBÂNEO, J. C. *A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov*. 2004, [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782004000300002&lng=e&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000300002&lng=e&nrm=iso); Acesso em: 16/08/11.
- MOITA-LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

RUSSELL, D. R. *Rethinking genre in school and society: an activity theory analysis*. 1997, <http://www.public.iastate.edu/~drrussel/at&genre/at&genre.html>, Acesso em: 16/07/11.

SNYDER, I. A new communication order: researching literacy practices in the network society. *Language and Education*, 2001.

SOARES, M. *Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura*. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, 2002.

STERNBERG, R. J. *Psicologia cognitiva*. Porto Alegre: ARTMED, 1999, p. 384.

STREET, B. *Social Literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*. London: Longman, 1995.

\_\_\_\_\_. What's 'new' in New Literacies Studies? Critical Approaches to Literacy in Theory and Practice. *Current issues in comparative education*. Vol. 5. Columbia Teachers College, Columbia University, 2003.

THE NEW LONDON GROUP. A Pedagogy of Multiliteracies: designing social futures. *Harvard Educational Review*, vol. 66, nº 1, 1996.

VÓVIO, C. L.; SOUZA, A. L. S. Desafios metodológicos em pesquisa sobre letramento. In: KLEIMAN, A.; MATENCIO, M. L. *Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

## POSSIBLE INTERFACE BETWEEN NEW LITERACIES ESTUDIES AND ACTIVITY THEORY

### ABSTRACT

In this paper, it aims at making certain possible relationships between the precepts of two theories: the New Literacy Studies and Activity Theory, which, though distinct, dialogue, for departing from a sociocultural perspective to explain how individuals participate in social practices, making use of language and other instruments mediators.

KEYWORDS: interface; New Literacy Studies; Activity Theory.

Recebido em 30/03/14  
Aprovado em 05/06/14